

TURISMO NO PARQUE NACIONAL PENEDA-GERÊS.

ESTUDO DE CASO: A VILA DO GERÊS

Élia Regina Martins Leopoldo

Universidade do Minho

Departamento de Geografia

Campus de Azurém, 4810 Guimarães

Telm: 936313665

E-mail: elia_regina@aeiou.pt

Palavras-chave: Vila Gerês, Turismo Sustentável, Planeamento, Revitalização da Economia das Populações Locais

Introdução

Numa área, que em tempos os pais se orgulhavam da sua “boa ninhada”, nas últimas décadas, de uma forma geral, todas as freguesias serranas, pertencentes ao PNPG, têm vindo a perder população. Estes registos poderão ser explicados por fenómenos como o envelhecimento, a emigração e o êxodo da camada populacional mais jovem para os principais centros urbanos. Perante esta situação, e pelo facto de a agricultura, em complemento com a pastorícia, já não constituir o principal meio de subsistência (em especial para os Geresianos¹), urge aproveitar o turismo como alternativa possível ao desenvolvimento sócio-económico, com impacto, não só em todas as freguesias e concelhos envolventes ao PNPG, mas também em toda a região Norte. O desafio que se coloca passa por demonstrar que o turismo sustentável pode ajudar a salvar e conservar esta área protegida, que é o PNPG, de forma a revitalizar ainda a economia das populações locais, como é o caso da Vila do Gerês, e contribuir ainda, para a manutenção das paisagens e valores ancestrais.

Metodologia

Tendo presente que o elevado índice de turismo que se reflete na Vila do Gerês lhe proporcionou um grande desenvolvimento (nomeadamente, no que se refere à criação de

¹ Residentes da Vila do Gerês

estruturas hoteleiras, restaurantes, cafés, etc), procedemos, a um levantamento funcional da Vila do Gerês, pois considerámos ser esta uma das melhores formas de a conhecer.

Procedemos ainda à auscultação e contacto com a população que reside no PNPG e, em particular na Vila do Gerês, permitindo-nos expor uma realidade, que de outra forma dificilmente nos aperceberíamos.

Por fim, tendo por objectivos avaliar as potencialidades, tendências, limitações e consequências da actividade turística, e pela necessidade de conhecer melhor o turismo, que se faz na Vila do Gerês, além do próprio turista que a visita, realizamos um questionário dirigido aos visitantes (considerámos a amplitude da população como infinita, em que a amostra, foi determinada segundo uma margem de confiança de 95.5 %, com uma margem de erro de $\pm 4\%$ - amostra de 620 elementos).

Resultados

1. Organização Territorial da Vila do Gerês

Tendo por objectivo conhecer a Vila do Gerês, efectuamos um levantamento da ocupação não só de todos os edifícios como dos respectivos pisos que a constituem. Este levantamento permitiu-nos não só conhecer a distribuição das unidades construídas do vale em garganta, que é a Vila do Gerês, como questionarmos o modo de crescimento e, logicamente, a evolução de uma Vila, que apresenta como função principal, o termalismo.

Assim, numa observação não necessariamente cuidada, ao piso 1², ressaltam como que “geminados” espaços destinados a funções tão variadas como a hotelaria, a habitacional e a comercial, com as funções dos serviços distribuídas e, de certo modo, ensombradas e diluídas, na amalgama ocupacional em que se transformou o piso 1 desta Vila termal e turística.

Todas as funções são, sem sombra de dúvida, extremamente importantes para o dinamismo da Vila, mas, e tendo em conta que esta tem uma forte presença turística/termalística, justifica-se que as funções relacionadas com a hotelaria e restauração, alcancem um lugar tão privilegiado. Podemos, também, observar que nas artérias mais centrais da Vila, se verifica uma presença indiscutível desta função.

Porém, à excepção de alguns Hotéis, que têm incentivos financeiros, a grande maioria de pensões, residenciais ou cafés encontram-se fechados de Outubro a Maio, reabrindo apenas

² Devido à escala do mapa (respeitante aos pisos e respectivas funções da Vila do Gerês) não ser perceptível numa folha A4 do Word, optámos por fazer neste comunicado, uma exposição mais descriptiva.

nas épocas de maior afluência turística, tal como no período termal e em eventos especiais (Passagem de Ano, Carnaval ou fins de semana prolongados).

Embora com menor representatividade que as funções relacionadas com a hotelaria e restauração, a função comercial no piso 1, também é, de certa forma marcante, sendo responsável pelo elevado frenesim, provocado pelos turistas na procura de recordações. Mas, é o “comércio de rua” (venda em “mesas” na rua), principalmente de venda de produtos regionais, tais como o mel e as ervas medicinais, que mais se destaca nesta Vila (fotografias n.º 1 e 2).

Fotografia n.º 1 e 2: Comércio de “rua”



Fonte: Fotografias tiradas pela autora em Junho de 2003

No Verão, é, assim, possível encontrar estas “mesas” espalhadas um pouco por todo o território. Contudo, é na avenida principal, perto do edifício das termas, que encontramos a sua maior representatividade. Deste modo, a apicultura e a colheita de ervas aromáticas com

fins medicinais, parecem constituir uma componente fundamental na aquisição de rendimentos, com grande tradição na Vila do Gerês.

Após o Verão, ou, melhor, após o encerramento das Termas, este “comércio de rua”, destinado essencialmente à venda de produtos artesanais e procurado particularmente por turistas, recolhe-se, deixando as ruas da Vila quase que “despidas”, para aparecer novamente, quando os fluxos de visitantes, assim o justificar.

Mas, não é só o “comércio de rua” que encerra durante a estação menos favorável. Também a maioria do restante comércio com “estabelecimento fixo” (nomeadamente de venda de recordações e inclusive de artigos como calçado ou pronto-a-vestir), e à excepção dos estabelecimentos de venda de produtos alimentares (tal como o talho ou o minimercado), encerram as portas nesta estação de menor afluência de visitantes, uma vez que a fraca procura destes estabelecimentos por parte dos residentes, parece não justificar a sua abertura diária.

Assim, podemos mesmo afirmar, que durante o Inverno, e da mesma forma que a maioria das funções relacionadas com a hotelaria e restauração encerram, também grande parte do comércio, quer seja este com “estabelecimento fixo” ou de “rua”, encerra as portas nesta estação de menor afluência turística.

As funções relacionadas com os equipamentos termais encontram-se, instaladas a norte da avenida principal, pois é aí que se localizam as nascentes termais mais importantes do Gerês: a fonte da **Bica** e a fonte do **Forte**. Em termos de equipamentos, esta estância termal, que ocupa actualmente um dos lugares cimeiros na escala do Termalismo Português, dispõe de um moderno sistema de abastecimento de água e saneamento básico, balneários, e demais equipamentos inerentes às termas, nomeadamente instalações onde se aplicam as mais variadas técnicas termais.

Contudo, não obstante esta estância já ocupar um dos lugares cimeiros na escala do Termalismo Português, segundo informação por parte gerente das Águas do Gerês, obras futuras de ampliação, duplicarão a actual área do estabelecimento termal, podendo, assim, por um lado, corresponder às expectativas dos aquistas que frequentam estas termas e, por outro, proporcionar uma resposta adequada ao crescente número de aquistas.

Porém, e mais uma vez, tal como se verificou nas funções anteriormente referidas, também as termas, e consequentemente os demais equipamentos a elas ligadas, encerram de 15 de Outubro a 15 de Maio.

Como que justificadas pela importância dos fluxos em época termal, surgem, distribuídos pela Vila, as instalações do Correio, da Cruz Vermelha, dos Bombeiros, além da

escola primária, da farmácia, da agência bancária, para não esquecer os serviços ligados ao PNPG.

Não obstante esta heterogeneidade de funções existentes no piso 1, pode-se constatar que, a função habitacional, embora difundida um pouco por todo o território, é praticamente inexistente na área mais central da Vila.

Por outro lado, cremos importante ainda referir, que um número significativo destas habitações, pertencem a emigrantes. Esta informação, foi-nos transmitida pelos residentes, mas, a própria construção de algumas habitações, permitiu-nos tirar essa mesma conclusão, nomeadamente, por apresentarem alguns elementos típicos, importados por quem reside/residiu no estrangeiro, tal como as paredes revestidas a azulejo.

Assim, e se um número significativo destas habitações pertencem a emigrantes, ainda a residir no estrangeiro, podemos afirmar que estas casas se encontram fechadas a maior parte do ano.

Se as funções ligadas quer à hotelaria e restauração, ou às termas e ao comércio, se encontram suspensas durante um período significativo do ano, o Gerês, depara-se-nos como uma Vila de cenários bem diferenciados, de acordo com a época do ano.

Quem vai ao Gerês no Inverno, depara-se com um cenário “fantasmagórico” de uma Vila que parece ter sido “deixada ao abandono”, em que não se ouve nada mais do que os sons da natureza. Os próprios residentes referem que “têm dias em que não se vê uma única pessoa para falar”.

No Verão, o cenário é bem diferente. Nesta altura, todas as funções que até então se encontravam encerradas, reabrem as portas, como que dando as boas vindas aos visitantes que para aqui se deslocam. E, esta pacata Vila, que até então parece ter saído de um cenário de um filme “fantasma”, volta aos seus dias de glória, numa transformação de certa forma radical, onde as suas “ruas despidas” durante o Inverno, se tornam agora, alvo de um vaivém de visitantes e automóveis.

O fluxo é tal nesta altura, que, e por experiência própria, fruto de algumas estadias por mim já efectuadas na Vila do Gerês, posso mesmo referir que, quem pretenda deslocar-se à Vila, com intenções de aí encontrar alojamento, não o conseguirá facilmente, caso não tenha efectuado marcação com tempo de antecipação. O mesmo sucede relativamente à alimentação, pois caso não marquem restaurante antecipadamente, sujeitam-se a esperas “desesperadoras”.

Porém, tudo muda, e o Inverno, tomando o lugar do Verão, volta a transformar esta Vila numa povoação isolada e encravada na Serra, onde “tudo” volta a adormecer. Contudo, os edifícios permanecem com os sinais e referências, associados ao ritmo de utilização na época alta.

Se no piso 1, subsiste uma grande diversidade de funções, verifica-se que todavia, este fenómeno se vai esvaindo à medida em que avançamos para os pisos superiores. A título de exemplo, verificámos que no piso 4, subsistem apenas a função habitacional e a relacionada com a hotelaria e restauração e no último, ou seja, no piso 5, verificámos, que todas as funções se “esvaíram”, à excepção da relacionada com a hotelaria e restauração, que embora seja somente representada por dois edifícios, é a única que neste piso subsiste.

Podemos constatar assim, que, não obstante a importância desempenhada por todas as funções, são, sem sombra de dúvida, as funções associadas às infra-estruturas de apoio ao turismo, que mais se destacam na Vila do Gerês.

1.1 Desenvolvimento da Vila do Gerês versus desenvolvimento turístico

O desenvolvimento da Vila do Gerês e do Turismo, baseado na existência das Termas, conduziu, nas décadas de setenta e oitenta, a um crescimento incontrolado dos edifícios com função residencial, pois os moradores, aproveitando a situação de falta de equipamentos hoteleiros, adaptaram e ampliaram as suas casas de forma a poder arrendá-las, retirando, deste modo, benefícios financeiros desta situação.

Os habitantes da Vila, referem mesmo, que o aluguer de casa e/ou quarto, “chega a cobrir mais de 50% do total de alojamentos hoteleiros”, pelo que este tipo de alojamento informal e alternativo à hotelaria, cobre assim uma proporção significativa.

Esta invasão acabou por provocar gravíssimos problemas de acessos em algumas áreas da Vila. Exemplos disso, são algumas áreas habitacionais em que a inclinação do terreno é tal, que impossibilitou a construção de acessos, pelo que os seus habitantes têm de efectuar as suas deslocações diárias a pé.

A ausência de área de estacionamento, constitui um outro problema grave resultante desta invasão. O facto é que somente na artéria principal da Vila, podemos encontrar locais de estacionamento. Na restante área, os automobilistas, quebrando as normas de trânsito, acabam por estacionar junto ou em cima dos próprios passeios destinados à circulação dos peões. Este problema torna-se ainda mais grave nas épocas de maior afluência turística, pelo que os geresianos, em tom de brincadeira, mas não deixando de expor esta constatação, relatam que

“no Verão a GNR deve passar mais multas aqui no Gerês, do que propriamente na cidade de Braga...”

Contudo, e não obstante alguns erros cometidos no passado, a Vila do Gerês, tem procurado dotar-se de instrumentos de gestão que possibilitem a correcta ocupação do território. Exemplo disso é o *Plano de Urbanização da Vila do Gerês*, em que a Câmara Municipal, através de um protocolo celebrado com as facultades de letras e de arquitectura do Porto, tem vindo a desenvolver estudos que concorram para a sua aprovação num futuro próximo.

Esperemos assim que esta Vila possa, a curto prazo, suprimir alguns dos seus problemas, tornando-se ainda mais bela e atractiva do que é na actualidade.

No entanto, é nossa opinião que este crescimento incontrolado, que provocou, sem dúvida, problemas gravíssimos, contribuiu, apesar de tudo, para um desenvolvimento económico e social, que terá fortes repercussões nas gerações vindouras. Assim, e, embora a Vila do Gerês, tenha perdido, em boa verdade parte do encanto que se associava ao seu carácter de Termas das primeiras décadas do séc. XX, nomeadamente, os modos de vida associados a uma elite que a frequentava, continua a ter recursos e atractivos suficientes para captar um universo de utilizadores, que abrange as diversas classes sociais.

2. Os Visitantes

Embora a Vila do Gerês fosse desde sempre alvo de uma procura turística, facto que se deve em especial à existência do seu centro termal, tem-se verificado, nas últimas décadas, uma crescente apetência por este espaço, dado a sua excepcional beleza cénica e riqueza biológica, que atraem anualmente milhares de visitantes.

Deste modo, e para melhor compreendermos o fenómeno turístico, pretendemos, avaliar as principais características dos visitantes (as suas motivações e comportamentos, principais pontos de visita, meios de transporte utilizados, entre outros aspectos considerados de interesse) de modo a obtermos um perfil, que de uma forma clara e concisa, identifique a procura desta Vila.

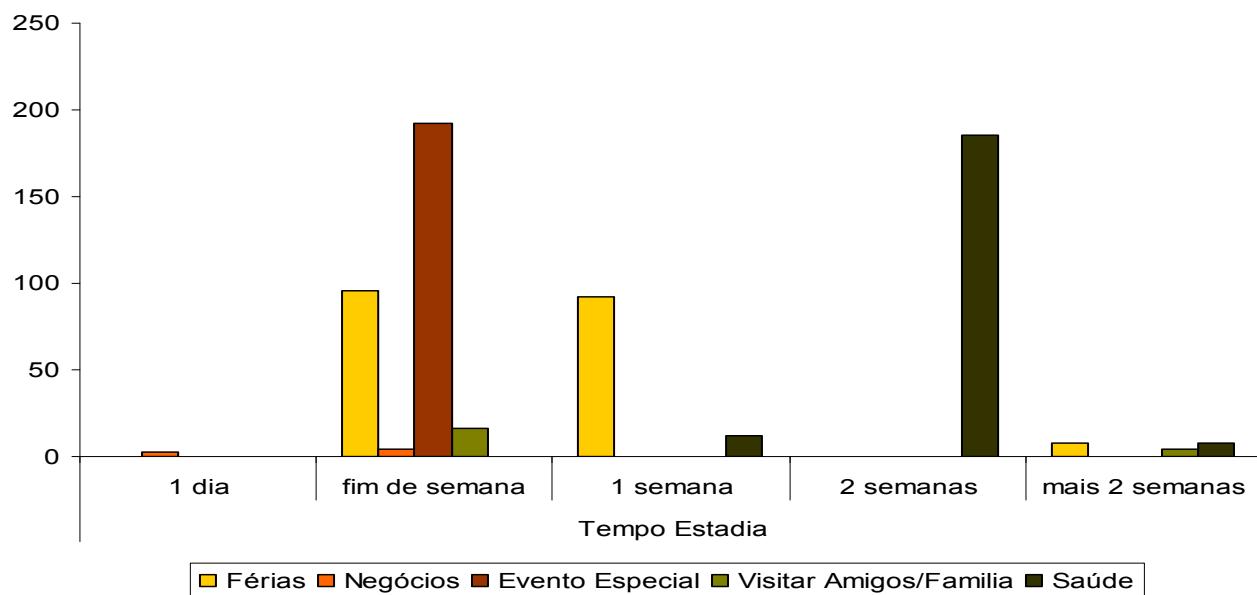
O perfil dos visitantes apresentado, é resultado de um trabalho exaustivo, efectuado mediante a aplicação de uma entrevista directa a 620 visitantes. Sempre que possível, efectuamos uma análise mais individual, por forma a obter um conhecimento mais concreto, separando os visitantes que visitaram a Vila “antes da abertura das Termas” (inquéritos

realizados entre o mês de Dezembro e Maio de 2003) e os que a visitaram “após a abertura das termas” (inquéritos realizados durante o Mês de Junho de 2003), uma vez que se tratam de visitantes que procuram diferentes modalidades de turismo.

Assim, mediante a leitura dos dados produzidos pela aplicação de entrevista orientada por inquérito, podemos reflectir e retirar algumas das principais ilações.

Deste modo, segundo pudemos constatar, é sobretudo pelas termas e pelo factor natureza, que se explica o maior encanto e atractividade da Vila do Gerês (gráfico n.º 1), e, simultaneamente, se justifica a sua eleição como espaço para a prática de actividades de lazer e recreio, sejam mais activas, envolvendo, eventualmente os desportos, ou, simplesmente, mais calmas, do foro contemplativo, mas todas elas, ilustram, certamente uma “crescente corrente de Turismo de Natureza”.

Gráfico n.º 1: Visitantes segundo o tempo e motivo de estadia na Vila do Gerês

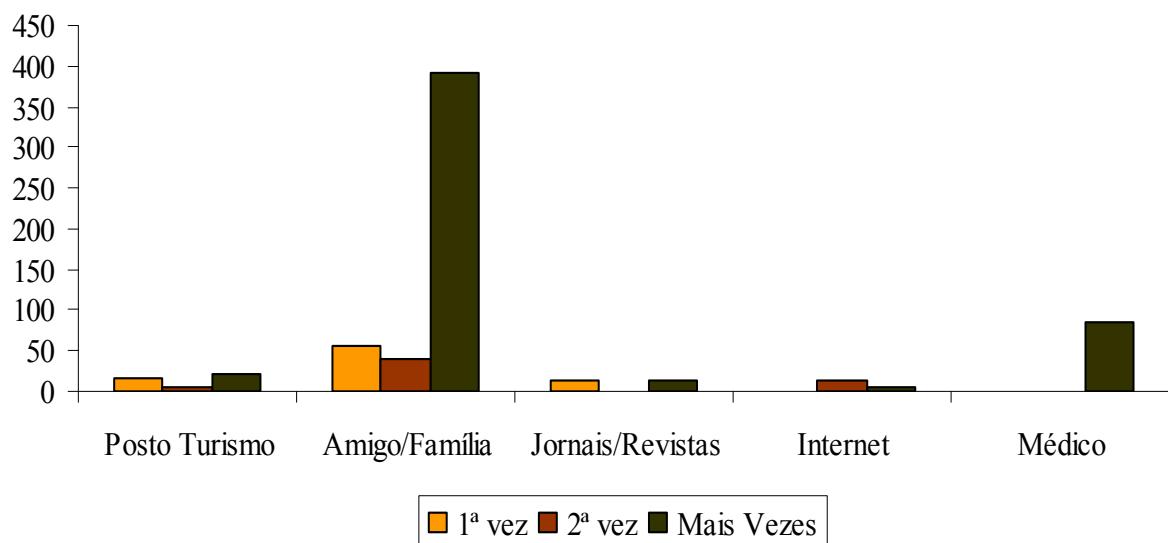


Fonte: Inquéritos por nós realizados entre Dezembro e Junho de 2003

O conjunto de valores (naturais, culturais, históricos, termais...), oferecidos por esta Vila, reflectem-se ainda, num elevado grau de satisfação, pelo que pudemos constatar a “capacidade de fidelização” (gráfico n.º 2), uma vez que os inquiridos, na sua maioria referem

ser frequentadores habituais, que constantemente visitam a região com familiares e amigos. Por outro lado, e apesar de não os termos questionado, quanto à sua intenção de voltar a visitar esta Vila, a grande maioria fez questão em demonstrar vontade de voltar, não só à Vila, mas também, de conhecer outros locais pertencentes ao PNPG.

Gráfico n.º 2: N.º de visitantes segundo o n.º de vezes que se deslocaram à Vila e as fontes de informação que os fizeram deslocar-se



Fonte: Inquéritos por nós realizados entre Dezembro e Junho de 2003

Pudemos constatar, igualmente, que, apesar de existir uma forte concentração de fluxos na Vila do Gerês, a actual estratégia de informação e divulgação, não só da Vila mas de toda a região inerente ao PNPG (efectuada pelos centros de interpretação), parece sofrer de algumas insuficiências, revelando-se ineficaz no processo de gestão e orientação, uma vez que a grande maioria dos entrevistados referiu desconhecer por completo a existência dos centros de informação/interpretação (apesar de na Vila do Gerês se localizar uma Delegação).

Por fim, acreditamos ser importante referir, que, contrariamente ao desejável, se verifica um panorama de forte sazonalidade, com uma considerável concentração de fluxos durante o período de Verão. Neste contexto, torna-se importante identificar os “diferentes tipos de turismo” (quadro n.º 1), resultantes da diversidade de motivações e das intenções dos visitantes, uma vez que, tal como tivemos oportunidade de constatar, entre 15 de Maio a 15 de

Outubro (altura em que as termas estão abertas), a Vila do Gerês é, na generalidade, alvo de uma procura muito específica, nomeadamente pelo “turismo termal”.

Quadro n.º 1 – Vila do Gerês: Visitantes, “Antes” e “Após” a abertura das Termas por sexo e por Idade

Idade	Antes Abertura das Termas		Após Abertura das Termas		Total	
	M	F	M	F	M	F
<15	11	13	4	4	15	17
15-24	28	28	8	16	36	44
25-49	76	60	56	40	132	100
50-64	12	20	27	48	39	68
>64	21	35	56	57	77	92
Total	148	156	151	165	299	321

Fonte: Inquéritos por nós realizados entre Dezembro e Junho de 2003

Após as termas encerrarem, dá-se uma inversão do “tipo de turismo”, ou seja, passa-se de um turismo destinado às pessoas em tratamento, para um outro “tipo de turismo”, em que os visitantes recorrem ao Gerês, não como uma estância termal, mas sim por ser um local agradável e aprazível ao descanso, onde podem desfrutar ainda do contacto com a natureza.

Porém, e, independentemente do “tipo de turismo”, podemos afirmar que a Vila do Gerês proporciona condições únicas para a prática de férias, em que o contacto com a cultura local, com a ruralidade do espaço e com formas de estar e vivências muito próprias da população, são verdadeiros privilégios.

3. Percepção dos residentes face ao turismo e ao local onde vivem

Considerando que o desenvolvimento turístico não deve ser tido como um fim em si mesmo, devendo garantir-se que esteja ao serviço do desenvolvimento socio-económico

da Vila do Gerês bem como de todo o território envolvente, pretendemos, apresentar algumas opiniões da população relativamente a essa realidade. Os dados aqui apresentados, são reflexo da análise de conversas com os residentes, pelo que o tratamento não é feito no sentido de apresentar frequências ou percentagens, mas sim no sentido de apresentar tendências de opinião, em função das questões com que os residentes foram confrontados.

Assim, relativamente à percepção dos residentes face ao local onde vivem, cremos importante referir, que apesar das vantagens em residir numa área protegida, entre as quais se destacam o aumento da procura turística na Vila, a preservação do meio ambiente e como tal da sua qualidade de vida, todos os residentes referiram que, residir na área do único Parque Nacional do país, não é de todo, uma situação privilegiada, pelo que a maioria faz mesmo questão em demonstrar a sua posição “anti-Parque”.

As situações identificadas como desvantajosas, relativamente aos residentes que residem fora do PNPG, prendem-se sobretudo com a existência de restrições e condicionalismos ao nível do uso dos solos (nomeadamente no que se refere ao tipo e local de implantação das construções para habitação) e das actividades económicas aí desenvolvidas, inibindo assim o investimento e consequentemente, o desenvolvimento socio-económico da região. Outra situação considerada como desvantajosa, é a presença de espécies protegidas, como o lobo e o javali, que causam prejuízos aos agricultores e pastores da região, que nada podem fazer para o evitar.

Quanto à sua percepção relativamente à forte presença turística, os residentes apesar de referirem que por norma não sejam utilizadores assíduos nem da Vila nem do restante território pertencente ao PNPG, enquanto espaço de lazer e recreio, estão conscientes que o turismo, como indústria florescente que é, se bem controlada, produz postos de trabalho, de rendimento e posteriormente, infra-estruturas, que sendo de apoio ao turismo, os servirão também a eles, pelo que, constitui, assim um papel fulcral e uma mais valia para a região.

Por outro lado, vêm com bons olhos, o facto desta actividade económica constituir uma alternativa viável e compatível com a remanescente prática de actividades tradicionais, que parece não lhes garantir actualmente condições de sobrevivência, assistindo-se, por exemplo, a uma certa complementaridade entre actividades turísticas e a agricultura, nomeadamente, numa lógica de pluriactividade das famílias. Se, sem sombra para dúvida, esta Vila possui características tão especiais, ideais para fins lúdicos e, mesmo terapêuticos, sendo procurada por um número cada vez maior de pessoas, a questão que se levanta relaciona-se, entre outros aspectos, com o conjunto de estratégias a desenvolver de modo a potencializar,

de uma forma sustentada, o conjunto de recursos que, tão generosamente oferece a recôndita Vila do Gerês.

Não obstante a importância que o turismo assume no contexto económico da Vila, e apesar desta conseguir, tal como está dotada actualmente em termos de oferta turística, atrair imensos visitantes, são identificados pelos residentes alguns aspectos que, nitidamente, poderiam ou deveriam melhorar, no sentido de a tornar mais competitiva. Referem ainda, que apesar da Vila possuir uma oferta rica em termos de recursos primários, não está no entanto devidamente organizada.

Assim, na generalidade consideram que a primeira prioridade ao nível de investimento, é o alojamento, tanto no que se refere ao aumento da capacidade instalada, como do aumento da qualidade do existente.

Consideram ainda, que ao nível da mobilidade, a Vila está mal equipada, em termos de serviços de transportes turísticos, reflectindo necessariamente, o facto de existirem poucas facilidades também ao nível dos transportes para o seu próprio usufruto.

Uma outra necessidade apontada como prioritária, é o reforço ao nível da animação, pois consideram a sua oferta insuficiente, se não mesmo inexistente. Este reforço auxiliaria assim na criação de alternativas para ocupação dos tempos livres, não só para usufruto daqueles que visitam a Vila enquanto turistas, mas também para o usufruto dos próprios residentes³.

As informações recolhidas junto dos residentes e turistas, possibilitaram-nos elaborar um quadro global das potencialidades e estrangulamentos que afectam o eventual desenvolvimento, não só desta pacata Vila, mas também de todo o território do PNPG (ver quadro n.º 2).

³ A posição da população relativamente à necessidade de introduzir melhorias ao nível de alguns equipamentos e serviços, encontra-se em consonância com a avaliação que os visitantes fazem dos mesmos,

Quadro n.º 2 – A Vila do Gerês: potencialidades e estrangulamentos

Potencialidades	Estrangulamentos
<ul style="list-style-type: none"> • Qualidade da paisagem; • Riquíssimo património histórico, arqueológico e religioso; • Produtos tradicionais; • Percursos pedestres; • Termas medicinais; • Oferta diferenciada de Alojamento; • Gastronomia e etnografia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conflitos de interesse entre a conservação da natureza e os agentes “utilizadores” do território (visitantes e residentes); • Êxodo da população; • População idosa; • Elevada taxa de desemprego durante a estação de menor afluência turística; • Baixo nível de formação dos profissionais de turismo; • Inexistência de serviços de transporte público; • Falta de locais de estacionamento; • Inexistência de infra-estruturas de animação; • Fenómeno da sazonalidade.

Fonte: Elaborado pela autora

Esta leitura das potencialidades e estrangulamentos, permitiu-nos assim, conceber algumas medidas / propostas de intervenção, no sentido de promover e desenvolver esta região:

- Assim, em nossa opinião a primeira medida de intervenção, consiste, na necessidade em manter a todo o custo, as condições ambientais e paisagísticas, que fazem com que a Vila do Gerês, se possa afirmar como um espaço privilegiado de lazer de qualidade e, nesse sentido, estimular e incentivar o aparecimento de projectos de animação e de implementação

de actividades de turismo e lazer, que poderiam ser promovidos, nomeadamente por associações ou parcerias de investidores privados, que apoiassem as diversas unidades implicadas;

- Dever-se-á igualmente, adoptar medidas de protecção e de apoio ao comércio tradicional, dos produtos elaborados no território, principalmente os produtos alimentares e de artesanato, contribuindo assim, para a melhoria da qualidade do comércio oferecido aos visitantes;
- Cremos igualmente importante que se proceda a um processo de recuperação dos aglomerados com valor arquitectónico e ambiental, com vista à sua exploração turística;
- Uma outra medida de intervenção, passaria pela criação de um “centro” ou “museu”, para arquivo e ilustração de técnicas e produtos artesanais, técnicas e práticas agrícolas, de culinária tradicional, entre outros, sempre com o objectivo de preservar e divulgar o riquíssimo património da Vila do Gerês;
- Por outro lado, e não obstante a já existência de roteiros e brochuras promocionais, acreditamos ser, também, importante que se faça um reforço, no que se refere à promoção e divulgação turística;
- A realização de eventos fora da “época alta”, poderia igualmente promover e desenvolver esta região, minimizando, assim, o efeito sazonal da actividade turística, que tão fortemente é sentida nesta Vila;
- Por outro lado, dever-se-iam, em nossa opinião, promover políticas activas, no sentido de sensibilizar a população e os visitantes desta Vila, para a importância do turismo a nível local, regional e mesmo nacional, pois esta deveria ser alertada para a importância que as regras de conduta cívica e a preservação dos recursos ambientais, paisagísticos, culturais, históricos e etnográficos, têm para o desenvolvimento sustentado da actividade turística;
- Por último, cremos ainda importante, que se aposte na formação dos agentes, directa ou indirectamente ligados à indústria turística, estimulando assim uma melhor inserção profissional dos técnicos intermédios e superiores de turismo.

Assim, esta Vila, apesar das reconhecidas potencialidades, poderia, através da implementação destas medidas e da adopção de estratégias dirigidas ao campo da animação turística (tendo sempre em atenção a compatibilização das mesmas com o ambiente), reabilitar e racionalizar as estruturas já existentes, podendo igualmente, a curto prazo, suprir alguns dos seus problemas (em especial no que se refere à criação de um número significativo de postos de trabalho, alargado a todo o ano).

Uma vez referidos alguns dos aspectos que, em nossa opinião, poderiam melhorar a Vila, encerramos este comunicado, referindo que a captação e aumento de investimentos, permitiria a canalização de meios financeiros para a criação destes equipamentos e infra-estruturas de suporte, servindo assim por um lado não só os turistas mas também a população local, contribuindo por outro lado, para atenuar os processos migratórios negativos e criar condições para a fixação da população em idade activa.

Assim, esta Vila, que goza actualmente já de um estatuto especial, dada a sua beleza cénica, poderia e deveria tornar-se na “jóia” mais preciosa do nosso país, podendo igualmente alcançar o lugar de maiores dividendos, obtidos através desta indústria florescente que é o turismo e investir na criação de infra-estruturas, o que contribuiria para a redução das assimetrias regionais.

Bibliografia

- ADERE-PG (2000) *Dinamização e Cooperação Empresarial e Turística, Acção 1, Inquérito e Levantamento – Relatório*, Adere-PG, Associação de Desenvolvimento das Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês.
- ADERE-PG (1999) *Piter – Projecto Integrado Turístico Estruturante de Base Regional para as Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês, Volume II – Estudos de Base*, Adere-PG, Associação de Desenvolvimento das Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês.
- ADERE-PG (1999) *Piter – Projecto Integrado Turístico Estruturante de Base Regional para as Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês, Volume I – Proposta*, Adere-PG, Associação de Desenvolvimento das Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês.
- CRAVIDÃO, Fernanda Delgado, CUNHA, Lúcio (1991) “Turismo, Investimento e Impacto Ambiental”, *Cadernos de Geografia*, Instituto de Estudos Geográficos.
- CRAVIDÃO, Fernanda Delgado, CUNHA, Lúcio (1993) “Ambiente e Práticas Turísticas em Portugal”, *InfoGeo*, Associação Portuguesa de Geógrafos, nº 6, Geografia do Turismo.
- GAMA, António (1998) “Notas para uma Geografia do Tempo Livre”, *Cadernos de Geografia*, Instituto de Estudos Geográficos.
- MENDES, Maria Isabel (1996) *O Valor de Recreio das Áreas Protegidas – uma aplicação ao caso do Parque Nacional da Peneda-Gerês*, Dissertação com vista á obtenção do grau de Doutor, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- MOREIRA, Armando, RIBEIRO, M. Luísa (1991) *Carta Geológica do Parque Nacional da Peneda-Gerês 1/50 000*, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Parque Nacional da Peneda-Gerês, Direcção-Geral de Geologia e Minas, Serviços Geológicos de Portugal.
- OLIVEIRA, Emanuel (1998) *Ordenamento das Actividades Desportivas e Recreativas na Área do PNPG (Resultados do Inquérito; Ante-Projecto da Carta Desportiva)*, Adere-PG, Associação para o Desenvolvimento das Regiões da Peneda-Gerês.

- OLIVEIRA, Emanuel, MENDES, Joana (1999) *Carta Desportiva para as Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês*, Projecto de Candidatura ao LEADER II, Adere-PG, Associação para o Desenvolvimento das Regiões da Peneda-Gerês.
- *Plano de Ordenamento do Parque Nacional da Peneda-Gerês* – Relatório de Síntese (1995), Instituto de Conservação da Natureza – Parque Nacional da Peneda-Gerês.
- SARMENTO, João Carlos (1996) *National Parks as leisure. A comparative study of Killarney National Prk, Irland and Peneda-Gerês National Park, Portugal*, Thesis submitted to the National University of Irland for the degree of Master of Philosophy, Departement of Geography, University College Cork.
- SILVA, Goretti (1998) *Enquadramento Legal e Institucional das Actividades Turísticas em Áreas Protegidas – Aplicação ao estudo das Casas-Abrigo do Parque Nacional da Peneda-Gerês*, Projecto Final do Curso Gestão e Planeamento em Turismo. Secção Autónoma de Gestão e Engenharia Industrial. Universidade de Aveiro.
- SILVA, Rosa (sd) *Parques da Peneda-Gerês e Baixa Limia-Serra do Xurés, Guia da Visita*, III Congresso da Geografia Portuguesa, Instituto de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- SIMÕES, José Manuel (1993) “Um Olhar sobre o Turismo e o Desenvolvimento Regional”, *Inforggeo*, Associação Portuguesa de Geógrafos, nº 6, geografia do Turismo.
- SIRGADO, José Rafael (1993) “Turismo nas Regiões Portuguesas”, *Inforggeo*, Associação Portuguesa de Geógrafos, nº 6, Geografia do Turismo.
- UMBELINO, Jorge, e outros (1993) “O Inventário dos Recursos Turísticos de Portugal Continental (1993)”, *Inforggeo*, Associação Portuguesa de Geógrafos, nº 6, Geografia do turismo.